

## O caso Kliemann e a hipótese do agendamento entre o Diário de Notícias e a Última Hora<sup>1</sup>

Fábio Rausch<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Resumo

O presente trabalho visa a aplicar a hipótese do *agenda setting* na cobertura que os jornais *Diário de Notícias* e *Última Hora* prestaram ao famoso Caso Kliemann. O trágico assassinato de Margit, esposa do deputado estadual Euclides Kliemann, a 20 de junho de 1962, foi um *fait divers* que abasteceu uma intensa cobertura sensacionalista desenvolvida pelos periódicos. Entende-se que, até a morte do próprio parlamentar, pouco mais de um ano depois, as folhas agendaram-se a partir do conceito do jogo de espelhos de Bourdieu (1997), pelo qual os veículos fundamentam o próprio trabalho naquilo que o concorrente faz. O sociólogo francês chama este processo de circulação circular. Acredita-se que a agenda de culpa tenha influenciado no segundo assassinato.

### Palavras-chave

Teoria do jornalismo; *Agenda setting*; Circulação circular; Sensacionalismo; Caso Kliemann.

### 1. Introdução

A pesquisa é motivada por iniciativa anterior, empreendida pelo jornalista e escritor Celito De Grandi, a quem Fábio Rausch auxilia no levantamento de dados para um romance sobre o caso. Agora, pretende-se estudar a cobertura da imprensa aos fatos. Em 20 de junho de 1962, Margit Kliemann, esposa do deputado estadual Euclides Nicolau Kliemann (PSD), foi encontrada morta na sala da sua residência, à Rua Barão do Santo Ângelo, no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O caso, insolúvel até hoje, promoveu diversas suspeitas nas páginas dos jornais da época, inclusive com a criação de alguns personagens, caso da Dama de Vermelho, moça da sociedade de então que poderia esclarecer o crime. A 31 de agosto de 1963, seria a vez do próprio deputado, um dos suspeitos, morrer assassinado, com um tiro no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa, durante o XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade Positivo, em Curitiba, no Paraná, entre os dias 4 e 7 de setembro de 2009.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo, formado pela Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, em agosto de 2007, e mestrando em Comunicação Social na mesma universidade, tendo ingressado no programa em março de 2009, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e orientado pelo Prof. Dr. Jacques A. Wainberg, e-mails: fabio.rausch@acad.pucrs.br; fabiorauschcol@yahoo.com.br.

peito, durante debate político, na Rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul, outro município gaúcho e cidade natal de Euclides.

Tomando-se os jornais *Diário de Notícias* e *Última Hora*, inicialmente, procura-se analisar como ambos se agendaram por meio de seus títulos, de teor sensacionalista. Além disso, a partir de declarações de Kliemann veiculadas pela imprensa, propõe-se que o agendamento de culpa possa ter influenciado na morte do parlamentar.

## 2. Fundamentação teórica

O *fait-divers*, notícia que causa impacto ao leitor, como crimes envolvendo pessoas conhecidas (ERBOLATO, 2008), apresenta caráter “quente e circunstancial” (MAFFESOLI apud AGRIMANI, 1995, p.25). Relatos assim abastecem a imprensa sensacionalista com ingredientes insólitos e extravagantes, para a manchete de capa. Segundo Barthes (apud HOHLFELDT, 2003), ao contrário da notícia, que remete a outros discursos e realidades, o *fait-divers* possui estrutura fechada, cujas chaves para compreendê-lo estão nele mesmo, entendido como “informação total ou imanente” (2003, p.243). Ele apresenta carga suficiente de interesse humano, para causar a “tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte” (AGRIMANI, 1995, p.26).

Na linha de Barthes (1971), Ramos (2001) aponta as causas *perturbada e esperada* para o *fait divers* de *causalidade*. A *causa perturbada* — a que interessa aqui — aborda o desconhecimento causal e a possibilidade de pequeno fato produzir grande efeito, motivado, sobretudo, pela imprecisão dos motivos ou pelo ilógico. O grau de *excepcionalidade* é o conflito formalizado, “inexplicável aos recursos da racionalidade (...), cujo código de fala é a língua da *emocionalidade*” (RAMOS, 2001, p.125).

No que conceitua como dramas do destino humano, Charaudeau (2006) estabelece categorias para classificar o tratamento que a mídia dá aos fatos. Para o presente estudo utiliza-se estas duas: “o *trágico*, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; e o *horror*, que conjuga exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de exterminação” (p.141). O mesmo autor comenta que o jornal francês *Libération* foi o primeiro a considerar que os *fait divers* são fatos da sociedade, capazes de revelar a realidade, da mesma forma que os da política. Em 1995, o periódico publicou uma série de textos do gênero.



A produção da matéria capaz de emocionar e escandalizar é a tônica dramática do jornalismo sensacionalista para representar uma cena, a ponto de o leitor, como observador *voyeur*, sentir-se presente ao quadro exposto (HOHLFELDT, 2002).

Agrimani (1995) utiliza definições de Ferreira (1986) para conceituar sensacional, sensacionalismo e sensacionalista. O primeiro adjetivo aponta para a produção de sensação intensa, do espetacular. No caso seguinte, há referência a divulgar e explorar, em tom espalhafatoso, matéria capaz de emocionar ou escandalizar. O último termo designa a presença de caráter sensacional.

Segundo Marcondes Filho (apud AGRIMANI, 1995), a prática sensacionalista está aliada ao “nutriente psíquico, desviante ideológico e à descarga de pulsões instintivas” (p.15). Cabe à manchete vender aparência chocante. Esta frase vem carregada de “apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e redicularizadora” (p.15). Assim, o jornalista tem a responsabilidade de extrair cargas apelativas capazes de chocar o leitor e, por consequência, aumentar a circulação do periódico através dos “tentáculos da emoção” (RAMOS, 2001, p.125).

Nos séculos XV e XVI, na Europa, a igreja, a taverna e a praça do mercado eram os palcos onde menestres, verdadeiros contadores de histórias ou cantores de baladas, disputavam a atenção pública com relatos ou cantigas sensacionalistas (GONTIJO, 2004). Neste período, brochuras informativas, os *occasionnels*, continham *fait divers*.

Entre 1560 e 1631, os jornais franceses *Nouvelles Ordinaries* e *Gazette de France* já traziam *fait divers* e notícias sensacionais. Subsequentes aos *occasionnels*, surgem os *canards*, “relatos de acontecimentos singulares ou prodigiosos que se poderia crer tirados da imaginação do autor, o *canardier*” (HOHLFELDT, 2003, p.245).

O lançamento do *New York Sun*, em 1833, marca a presença dos jornais baratos da *penny press*. Além dos assuntos políticos e econômicos, o jornal trazia histórias de crime, escândalos, tragédias e notícias interessantes ou divertidas (TRAQUINA, 2005). O grande repórter, conhecido como *muckracker*, “desencavava os escândalos” (NEVEU, 2006, p.22). Em menos de quatro anos, este periódico alcançou a venda diária de 30 mil exemplares, superando em quinze vezes a tiragem inicial.

É no final do século XIX, por sua vez, que dois jornais norte-americanos darão o acabamento final para o estilo sensacionalista conhecido atualmente, originando o termo “imprensa amarela” (AGRIMANI, 1995, p.21). O *New York World*, editado por Joseph

Pulitzer, aos domingos, publicava história em quadrinhos chamada *Hogan's Alley*, cujo personagem principal era um menino de feições engraçadas, e que vestia camisola amarela, chamado de *Yellow Kid*. O modelo foi copiado por William Randolph Hearst, diretor do *Morning Journal*, ao contratar do periódico concorrente Outcault, autor dos quadrinhos. No *World*, a tarefa ficaria a cargo de George Luks. A partir de conteúdo sensacionalista, ambas as folhas chegavam a um milhão de exemplares diários.

Baseado em Monestier (1982) e Romi (1962), Agrimani (1995) conta que muitas obras-primas da literatura basearam-se em *fait divers*. Em **O sofrimento do jovem Werther**, publicado, pela primeira vez, em 1774, Goethe inspirou-se nas próprias desilusões amorosas, devidas a paixões por mulheres comprometidas, e no suicídio de Karl Wilhelm Jerusalem, pessoa próxima ao seu amigo, Christian Kestner, cuja noiva, Charlotte Buff, também fora cortejada pelo escritor alemão. Em 1773, Jerusalem desferiu um tiro na própria cabeça, já que a esposa de um colega não correspondera ao seu amor (TOLLE, 2006). No livro, Werther idealizava Carlota, que se casara com Alberto. Atormentado, o protagonista envia cartas de despedida aos entes mais próximos, inclusive a ela, adiantando o seu suicídio. Assim é narrado:

“Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro (...). No dia seguinte, pelas seis horas da manhã, o criado entrou na câmara com luz; achou seu amo caído no chão, para um lado a pistola, e todo alagado em sangue (...). A bala, havendo penetrado o coronal na parte superior ao olho direito, tinha ofendido essencialmente o cérebro. (...). Werther morreu ao meio-dia” (GOETHE, 2006, p.162-163).

### 3. Metodologia

Quanto ao método por meio de análise de conteúdo, diz O. R. Holsti (apud BARDIN, 1977) que, no processo de codificação de dados brutos, eles são transformados sistematicamente e agregados em unidades, a fim de se alcançar uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo.

Este é o processo de codificação sugerido por Fonseca Júnior (2005): a) o recorte – escolha das unidades de registro e de contexto (títulos que tratem do Caso Kliemann no intervalo das investigações entre as mortes de Margit e Euclides); b) a enumeração – escolha das regras de enumeração (palavras-chave como culpado, assassino, dama de vermelho, caso, Kliemann, etc.; c) a classificação e agregação – categorias (estabelecer blocos temáticos dos principais personagens da cobertura).

As palavras-chave, sobretudo, podem abraçar o conceito de AUGRAS (apud SEVERO, 2007), para quem os estereótipos [rotulações] reduzem todas as qualidades de um objeto a uma só característica.

“A notícia objetiva seus atores, cria e impõe estereótipos, faz coincidir com estereótipos (já impostos) e, portanto, produz a objetividade aparente porque atribui ao agente um caráter exemplar, universaliza ao convertê-lo em ponto de referência” (BARTOLOZZI apud BARROS FILHO, 2003, p.90).

Lança-se uso da hipótese do *agenda setting*, pela qual a mídia aponta para a audiência *sobre o quê* ela deve pensar, de sorte que, a médio e longo prazos, a agenda midiática consiga ter maior presença na agenda pública (BARROS FILHO, 2003). Cabe esclarecer que a opção por designar os estudos de agendamento<sup>3</sup> como hipótese, em vez de teoria, segue o que Hohlfeldt (2001) entende por sistema aberto e inacabado. A matriz teórica, entretanto, é um paradigma fechado, contrário a complementações.

De acordo com Barros Filho (2003), antes mesmo de McCombs e Shaw (1972) cunharem o termo *agenda setting*, Walter Lippmann (1922) já constatara que a imprensa enquadrava a atenção dos leitores dentro dos temas por ela impostos. A nova hipótese reagia ao modelo dos efeitos limitados da mídia. Neste último caso, defendido, entre outros, por Klapper (1960), acreditava-se que “a mídia provoca muito mais uma fixação do já existente do que eventual modificação” (BARROS FILHO, 2003, p.126).

Mesmo assim, o efeito de agendamento encontra barreiras como os líderes de opinião<sup>4</sup>, pessoas que exercem relativa influência junto a determinados grupos de pessoas (família, bairro, trabalho, etc.), e atuam enquanto intermediários no contato mídia-receptor. Em efeito cascata, um passa para o outro a sua versão sobre a mensagem midiática, a quem, posteriormente, reproduz a terceiros o que ouviu, a tal ponto que os graus de eficiência da proposta inicial tornam-se imprecisos.

O sucesso de uma agenda também depende do nível de relevância que receptor dará à pauta proposta, acompanhado do grau de incerteza que tenha com relação ao

---

<sup>3</sup> Para a aplicar a hipótese do agendamento, ver, em Hohlfeldt (2001), os seguintes conceitos básicos: acumulação; consonância; onipresença; relevância; frame temporal; time-lag; centralidade; tematização; saliência; e focalização.

<sup>4</sup> A propósito dos líderes de opinião, recomenda-se a leitura da pesquisa de Katz (apud BARROS FILHO, 2003) referente à influência dos ‘contatos pessoais’ concorrentes dos meios de comunicação de massa como influenciadores da decisão de voto.



decorrer dos fatos e do seu próprio nível de domínio do tema em questão, de modo a ser provocado a buscar mais informações acerca do assunto.

A proposição de agendamento mútuo entre *Última Hora* e *Diário de Notícias*, objetos de estudo desta pesquisa, encontra alicerce em Bourdieu (1997). Ele sustenta que, ao competirem pela melhor informação, as capas de jornais entram num “jogo de espelhos” (p.33), visto que cada um deles baseia o seu trabalho no que o outro escreve, a ponto de a “circulação circular” (p.30) entre eles tornar os seus produtos homogêneos. Através de uma espécie de “*suite*<sup>5</sup> *sui generis*” (HOHLFELDT, 2001, p.198), ocorre um *interagendamento*, com recorrentes novos enfoques ao tema em pauta. Até porque “a mídia fala dela mesma; a mídia pauta-se por outros veículos da mídia” (SILVA, 2001, p.179). Dentro desta lógica, está em jogo a concorrência pelo furo. Trata-se de ser o primeiro a divulgar a informação mais atualizada (BOURDIEU, 1997).

#### 4. A cobertura do Caso Kliemann

Entre agosto de 2007 e fevereiro de 2008, realizou-se completo levantamento nos principais jornais que cobriram o Caso Kliemann, desde a morte de Margit até a de Euclides. De 21 de junho de 1962 a 1º de setembro de 1963, foram encontradas, no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, 245 edições que trataram deste assunto, nos periódicos *Correio do Povo* (9), *Diário de Notícias* (92), *Folha da Tarde* (6), *Jornal do Dia* (7) e *Última Hora*<sup>6</sup> (131).

Nos casos de *Diário de Notícias* e *Última Hora*, as coberturas quase que diárias extrapolaram o nível de importância dado pelos demais veículos de imprensa, pois ambos, a cada dia, geravam novos capítulos para o mistério sobre quem assassinara Margit, no perfeito estilo melodramático dos antigos romances de folhetim<sup>7</sup>.

Para Barros (1999), a dramatização do cotidiano atendia à consciente decisão editorial de *Última Hora*. João Ribeiro, primeiro secretário de redação deste periódico, confessou que, para abrir espaços na imaginação do leitor, chegava-se a ponto de “a realidade se confundir com a ficção” (p.68). O jornal assumiu-se como autêntico

---

<sup>5</sup> “Suite: sequência de um assunto, em edições subsequentes do jornal, sempre que houver novas informações a respeito” (ERBOLATO, 2008, p.250).

<sup>6</sup> À época da pesquisa, a coleção do Museu Hipólito não apresentava as edições de 21 de junho a 3 de julho de 1962 de *Última Hora*. Por isso, sempre que forem referidas publicações deste período, estar-se-á utilizando, como referência, os livros de Barros (1999) e de Hohlfeldt (2002).

<sup>7</sup> Conforme Hohlfeldt (2003), o romance de folhetim apresenta, entre outros aspectos, enredo complexo, melodramaticidade, diversos personagens e ações eletrizantes que se multiplicam através de capítulos.



tabloide, a exemplo dos congêneres *Daily Mirror* (inglês) e *Paris Jour*, e documentou o crime da senhora Kliemann em tom sensacionalista. “Quase toda a redação de *Última Hora*, inclusive a editoria política e o colunismo social, dedicou-se a cobrir o que ficaria famoso na história do jornalismo gaúcho como um crime insolúvel” (1999, p.124).

Mesmo tendo perfil diverso ao de *Última Hora*, dentro do regime jornalístico de *organização empresarial* estabelecido por Rüdiger (2003), em que concorria com o *Correio do Povo*, por meio da imparcialidade informativa, entende-se que o *Diário de Notícias*, no Caso Kliemann, não foi muito menos sensacionalista que a *Última Hora*.

Esta prática encontra correspondência nas narrativas que fundamentam os fatos. Com efeito, a essência da técnica jornalística reside “na *espetacularização* (*sensacionalização*) do acontecimento” (SILVA, 2003, p.106). Por técnica, abraça-se o que Heidegger (1990) chama de um modo para desvelar. Ou, ainda, se aplicada no jornalismo, conforme Silva (2003), é cobrir para descobrir, como ele reflete a seguir:

“A narrativa jornalística muda com o tempo e com as culturas. Hoje, incorpora, cada vez mais, os elementos da narrativa dramática, como se fosse uma ficção, uma novela, uma intriga, com personagens, tensão crescente, trama, desfecho, oposição marcada de papéis (bem e mal), simulação de contradições para dar profundidade psicológica aparente aos personagens” (SILVA, 2003, p.107).

A seguir, lança-se a hipótese do jogo de espelhos de que fala Bourdieu (1997), no qual ambos os periódicos teriam brigado pela dianteira na cobertura, ora pautando o concorrente, ora sendo pautado por ele. Expressões como ‘fonte fidedigna’ e ‘fonte segura’ servirão de embasamento para informações com visível caráter ficcional.

A 21 de junho de 1962, o *Diário de Notícias* destaca: “Morta a pancadas a esposa do deputado Euclides Kliemann”. No dia seguinte, *Última Hora* divulga: “Abalado todo o Rio Grande: Primeira conclusão no Caso Kliemann / Polícia: Não é latrocínio”. Fica claro que, ao furo<sup>8</sup> do primeiro jornal, o concorrente responde com suposto esclarecimento ao crime, já classificado como caso, em prenúncio ao que viria.

Pelo pressuposto de que ambos os jornais ingressariam numa longa jornada, para desvendar o crime contra Margit Kliemann, desenvolve-se a presente análise pontuando a posição de cada periódico (*DN* e *UH*) com relação às seguintes categorias:

---

<sup>8</sup> Jargão do meio jornalístico que designa a informação em primeira mão, dada por um veículo antes dos demais concorrentes.



a) *Dama de Vermelho*: Ponto controverso entre os dois jornais é a reivindicação de quem teria criado a Dama de Vermelho, moça da sociedade que poderia esclarecer o crime. Embora o jornalista de *UH* Sérgio Jockymann<sup>9</sup> garanta ter tirado a personagem das publicações do colunista social carioca Ibrahim Sued, o também jornalista Wanderley Soares<sup>10</sup> lembra que Leopoldo Silva, do *DN*, foi quem propôs a dama à reportagem policial, para dar fôlego à cobertura. Versão esta que encontra força no título de 23 de junho de 1962: “Dama de Vermelho foi vista saindo do local do crime”. A moça, de 18 anos de idade, trajando vestido vermelho, teria saído de táxi.

Três dias depois, em “Kliemann admite a existência da Dama de Vermelho”, *DN* colhe os primeiros frutos desta criação, pois o deputado, segundo a matéria, “aduziu que sua esposa mantinha relação com grande número de pessoas do sexo feminino”.

A 27 de junho, no *DN*, em depoimento à polícia, o motorista de táxi, Antonio Gonzáles, o Espanhol, admitiu ter transportado a moça, da residência ao centro de Porto Alegre. Em 28 e 29 de junho, a polícia está agendada: “Polícia aperta o cerco em torno da Dama de Vermelho”; e “Recado do Delegado Morais<sup>11</sup> à Dama de Vermelho: Já conheço sua identidade. Apresente-se logo ou serei forçado a intimá-la a depor”. Os títulos de 4 e 5 de julho são cômicos: “Polícia de plantão à porta da casa da Dama de Vermelho”; e “Dama de Vermelho: Polícia bateu na porta errada”.

Esta personagem, contudo, só ganha maior destaque, em *UH*, no seguinte título, de 6 de julho de 1962: “Há uma mulher que sabe de tudo”, em alusão a tal dama do *society* que conhecia Margit. Mesmo assim, em 28 e 30 de junho, chegara a publicar: “Polícia esconde mulher-chave; e “Polícia entra no *society*”. Na busca por fazer frente à cobertura do *DN*, o jornal garante que a suposta moça já teria revelado o segredo que carrega consigo ao marido, sendo que este garantiria manter sigilo. Para *UH*, é questão de dias para que o nome dela venha à tona. A 4 de julho, em “Verdades e mentiras andam de mãos dadas”, o colunista Sérgio Jockymann escreve: “O caso, pouco a pouco, foi tomando forma de folhetim, e, a cada depoimento, só fez aumentar ainda mais a dramaticidade”. A 12 de julho, *UH* refere: “Dama figura outra vez na sequência do crime”. Acrescenta que, se não presenciou o crime, ela saberia os seus motivos.

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida a Celito De Grandi, em 10 de junho de 2007.

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Celito de Grandi, em 22 de outubro de 2008.

<sup>11</sup> Refere-se ao delegado Júlio Morais, que coordenava as investigações sobre a morte de Margit Kliemann.



A 7 de julho, o *DN* reforça a importância da moça do *society* no crime: “Polícia confirma: D. Margit lutou com uma mulher antes de ser morta”. No dia 22, reitera que, desde o início, divulgara a sua existência, e lança novos aspectos: “Vestido da Dama de Vermelho tinha aplicações de pele”. Este trecho da matéria faz com que a mulher, de testemunha presencial, chegue à provável assassina: “(...) confirma-se que a mulher com quem dona Margit lutou para salvar a vida é a mesma dama de vermelho”.

A enorme manchete de *UH*, em 26 de julho, responde às “aplicações de pele” do *DN*. Em “Mulheres de *vison* têm álibi”, *UH* é ainda mais perspicaz, pois afirma que, após 15 dias de investigações, a reportagem constatara a existência de oito casacos de *vison* na capital gaúcha, mas preferiu não divulgar as donas das peças. Alertou que nenhuma delas trajava o modelo, incompatível com a chuva do dia do crime.

A insistência na Dama de Vermelho segue ao longo dos meses subsequentes. A 25 de agosto, Sandra Ribas, uma ex-dançarina de boate da capital, surge como possível identidade da moça suspeita. *UH* publica: “Dama de gorriño vermelho foi presa”. No mesmo dia, um habeas-corpus coloca-la-ia em liberdade. Cinco dias depois, *UH* infere: “Como se sabe, a polícia tem informações segundo as quais a jovem e bela Sandra Ribas manteve relações íntimas com o deputado Euclides Kliemann, embora tanto ela quanto o parlamentar neguem, com veemência, tais informações”. Surge, assim, o viés de cumplicidade entre dois personagens suspeitos do crime.

O *DN* também abraça esta última proposta, como fica evidenciado nos títulos de 2 e de 12 de setembro: “Sandra, a jovem do gorro vermelho, conta sua odisséia: Conheci o deputado Kliemann e uma vez dancei com ele. Foi só!”; e “Polícia busca enquadrar Sandra no crime do palacete: Seria a Dama de Vermelho”. Mas esta hipótese ganha um ‘balde de água fria’: ruim para o caso; bom para a cobertura. Em 18 de outubro, o *DN* demonstra-se ‘impaciente’ com a falta de colaboração do motorista de táxi, ao informar: “Antonio Espanhol não reconheceu em Sandra a Dama de Vermelho”. No mesmo dia, *UH* é taxativo: “Sandra livre”. E arremata: “Com Sandra afastada do caso, a Delegacia de Segurança Pessoal retorna, uma vez mais, para a estaca zero”. A personagem seria citada novamente por ambos os jornais, mas não com igual capacidade para gerar maiores desdobramentos.

b) *Euclides Kliemann*: A possibilidade de o próprio deputado ter sido o autor da morte da esposa, de certo modo, acompanha as coberturas da imprensa, ora a partir de

citações taxativas, ora indiretamente. No início, em 26 de junho de 1962, *UH* não perde tempo: “Para a polícia o marido ainda é suspeito”. No mês seguinte, dia 23: “Kliemann continua suspeito”. Nesta oportunidade, o jornal prioriza suas próprias inferências sobre o caso e escreve: “Analisando os trabalhos policiais até a presente data, *UH* chegou a uma conclusão: todas as investigações convergem para uma pessoa. E essa pessoa é exatamente o deputado Euclides Kliemann”. A 31 de agosto, o jornal publica fonograma emitido pelo parlamentar, a fim de desmentir o noticiário.

O *DN* prefere dar mais fôlego à Dama de Vermelho, embora não deixe de apontar correlações dela com o parlamentar, recurso também utilizado por *UH*.

Portanto, seja pelo envio de notas ou por meio de manifestações públicas, Kliemann não deixará de expor o seu desconforto para com as proporções que as investigações ganham na imprensa. É emblemático o discurso que proferiu na tarde de 25 de outubro de 1962, na Assembléia Legislativa, assim publicado no dia seguinte: “Dep. Kliemann pede a degola de Júlio” (*UH*) e “Deputado Kliemann pediu ao secretário de segurança afastamento de Júlio Moraes” (*DN*). Eis os principais trechos das matérias:

“Foram, entretanto, quatro meses em que meu nome e nome de minha família serviram de repasto com que se regalaram os maus, os torpes, os infames. Nem mesmo o nome e a vida de minha esposa foram poupados. Órgãos de imprensa, que não cito por serem demais conhecidos, fizeram de nossa tragédia exploração sensacionalista. Primeiro, o sensacionalismo. Depois, vieram as insinuações. E não demoraram a infâmia e a calúnia. E este que ora vos fala, ferido tão profundamente, não encontrava forças para reagir. (...) Mas, se é imensa a mágoa que sinto pela atitude assumida por certos jornais, não posso também deixar de reconhecer que o responsável por grande parte do que foi publicado era a própria autoridade que chefia as investigações. (...) Vi, como todos viram, que todas as medidas tomadas não o eram no sentido do esclarecimento real da tragédia, mas, sim, uma tentativa para incriminar, de qualquer forma, a este que ora se encontra diante de vossas excelências”.

Outros dois fatos consolidaram a agenda de culpa pela morte de Margit em Euclides Kliemann, sendo o último fatal. No primeiro episódio, a 30 de agosto de 1963, também na Assembléia, ele quase agrediu o deputado Lamaison Porto (PTB). Em discussões políticas, Porto declarou: “Vá cuidar de seus problemas. Vossa Excelência tem muito que provar”.



Na tarde do dia seguinte, na rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul, cidade natal de Kliemann, após uma palestra em que defendia as políticas do PSD no município, o parlamentar teve as suas declarações rebatidas pelo vereador Floriano Peixoto Karam Menezes, do PTB. Quando este falou: “O deputado Euclides Kliemann é o principal suspeito da morte de sua esposa, dona Margit Kliemann”, o acusado levantou-se da sala onde estava, foi até a cabine de locução, abriu a porta e gritou: “Essa não”. Surpreendido, Karam sacou do revólver que portava e disparou uma bala junto ao coração de Kliemann. Na seqüência, *DN* publicou: “Kliemann morre protestando sua inocência na morte de D. Margit”; e *UH*: “Kliemann sepultado ao lado de Margit”.

## 5. Conclusão

É indubitável que a ampla e evidente cobertura sensacionalista sobre o Caso Kliemann, realizada tanto pelo *Diário de Notícias* quanto pela *Última Hora*, prestou um desserviço a possíveis elucidações para o assassinato de Margit. A ficção, travestida de realidade, confundiu fatos e personagens, ao ritmo folhetinesco, apontado, inclusive, pela própria *UH*, na já citada edição de 4 de julho de 1962.

Em vez da hipótese de ter ocorrido um jogo de espelhos entre os periódicos, poder-se-ia avançar para a ideia de que ambos buscaram alcançar tons mais sensacionais que os traçados pelo concorrente. Na ironia de SILVA (2003), reproduziram a ‘verdade do jornalismo’, de “*espetacularizar*, em graus variados, para vender e garantir a audiência (acumulação de ganhos ao menor custo)” (p.106).

Na ânsia de ‘furar’ o concorrente, a cobertura em círculos ateu-se a lançar mão de novas informações (ou ingredientes sensacionais), de teor ficcional na maioria das vezes, como forma de tomar a dianteira numa prática que visou a tudo, menos a resolver o caso. Pode-se afirmar que ambos os periódicos reproduziram autêntica inversão do “cobrir para descobrir” (SILVA 2003, p.106).

Em que pese eventuais críticas à eficiência da aplicação da circulação circular de Bourdieu (1997), conceito apreendido por este estudo, reconhece-se que, em dados momentos, há o risco de se interpretar coincidências como pauta espelhada. Outro fator limitante diz respeito à própria subjetividade interpretativa deste trabalho, praticamente inevitável quando se aplica análise de conteúdo como base metodológica.



Quanto à eficácia da hipótese do *agenda setting*, entende-se que as análises ficaram prejudicadas pelo fato de, à época da cobertura, não terem havido pesquisas de opinião acerca da reação do público leitor ao que era veiculado na imprensa.

De qualquer sorte, em termos de *time-lag* (intervalo de tempo para possíveis efeitos entre a agenda da mídia e a do receptor), o Caso Kliemann continua gerando efeitos. Resta ver a reportagem “O caso Kliemann no 5.048º dia”, publicada pelo extinto *CooJornal*, de Porto Alegre, em novembro de 1976, e a recente série de reportagens produzida pela *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul, entre agosto e setembro de 2008. A última iniciativa lembrou os 45 anos da morte de Euclides.

## 6. Referências

- AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**, São Paulo: Summus, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARROS, Jefferson. **Golpe mata jornal**, Porto Alegre: Já Editores, 1999.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**, São Paulo: Summus, 2003.
- BARTHES, Roland. **Ensaio crítico**, Lisboa: Edições 70, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**, São Paulo: Contexto, 2006.
- DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias**, Porto Alegre: L&PM, 2005.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**, São Paulo: Ática, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. “Análise de conteúdo” in DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, São Paulo: Atlas, 2005.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **O sofrimento do jovem Werther**, São Paulo: Hedra, 2006.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HEIDEGGER, M. “La question de la technique” in **Essais et conférences**, Paris: Gallimard, 1990.
- HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. “Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação” in HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação**, Petrópolis: Vozes, 2001.

HOHLFELDT, Antonio. **Última Hora**, Porto Alegre: Sulina, 2002.

KATZ, E. “The two step flow of communication: An up-to-date report of an hypothesis” in Public Opinion Quarterly, n. 21, 1957.

KLAPPER, Joseph. **The effects of mass communication**, New York: Free Press, 1960.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**, Nova Iorque: MacMillan, 1922.

McCOMBS, Maxwell; e SHAW, Donald L. “The agenda setting function of mass media” in Public Opinion Quarterly, n. 36, 1972.

MONESTIER, Alain. **Fait Divers**, Paris: Musée National des Arts et Traditions Populaires, 1982.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**, São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RAMOS, Roberto. “Roland Barthes: Semiologia, mídia e fait divers” in Revista Famecos, Porto Alegre: PUCRS, abril 2001, p.119-127.

ROMI. **Histoire des fait divers**, Milão: Port Royal, 1962.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**, Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.

SEVERO, Bruna Meireles. **A imprensa e seus efeitos sobre a audiência**, Rio de Janeiro: SECOM, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**, Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. “O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação” in HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; e FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação**, Petrópolis: Vozes, 2001.

TOLLE, Oliver. “Introdução” in GOETHE, Johann Wolfgang Von. **O sofrimento do jovem Werther**, São Paulo: Hedra, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, Florianópolis: Insular, 2005, v.2.